

In tes tino

Lara Camelo

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

Autorretrato

Observando nosso recém-pintado autorretrato eu constato o que já sabia — há algo de errado conosco.

As pessoas são educadas, por isso não nos perguntam *ei, por que você (vocês?) são tão estranhas? Como conseguem viver assim?*

Mas não precisam perguntar.

Nascemos fisicamente conectadas e a separação implicaria em nossa morte. Sei que pode parecer horrível, mas não é tanto. Só às vezes.

Se dividir um quarto é difícil, imagine dividir os órgãos. Mas ao menos não somos estranhas uma para a outra; somos meio que a mesma pessoa, na verdade — nosso DNA é idêntico, e nos deu duas cabeças, um coração, um estômago e alguns intestinos (não sabemos quantos, nem queremos saber).

Também nos deu duas pernas, dois braços e duas mãos.

Precisamos das mãos para escrever, mas só uma mente pode decidir o que vai sair no papel, senão, as palavras ficam embaralhadas, porque ela eu quero escrever e eu uma coisa pensamos e ela diferente quer escrever outra.

Viu?

Mari cedeu e eu estou no comando, o que significa que estou usando a mão dela para digitar.

Mari, talvez você não goste do meu relato, mas depois será sua vez.

Ontem eu acordei no meio da madrugada. Tentei resistir ao máximo, mas às vezes não consigo dormir com o estômago gritando, então nos sentei e coloquei minha perna para fora da cama. Mari imediatamente puxou a dela na direção contrária, para que eu não conseguisse nos mover.

“Estou com fome!”

“Você sabe que não podemos comer, cacete!”

“Foda-se! Foda-se, eu quero comida!”

Usei meu braço para dar impulso na cama e levantamos. Ela tentou jogar nossas costas para trás, mas coloquei minha perna para frente e ficamos quites.

“Eu sei que você também está com fome. Está morrendo de fome, e vai ficar acordada a noite toda.”

“E daí? É o que eu quero.”

“Mas não é o que *eu* quero, sua vaca!”

“Vá se foder!”

Comecei a pular com um pé só em direção à cozinha.

“A gente vai cair!”

“Então é melhor você vir comigo.”

* * *

Eu teria devorado todo o conteúdo da geladeira se não tivesse que dividir com Mari. Ela disse que se eu fosse comer iria também, já que engordaríamos de qualquer jeito.

Depois nos fez sentar no chão da cozinha enquanto chorava, cravando as unhas na nossa barriga:

“Olha o que você fez, monstro!”

Com a fome saciada, o arrependimento chegou, mas eu estava com raiva demais para me desculpar.

“Amanhã, não vamos comer o dia todo” — disse ela quando voltamos ao quarto.

A manhã veio e não sentíamos mais fome. Ainda assim, nossos pais insistiram que tomássemos o café porque estamos “emagrecendo demais”. Nós discordamos, mas não podemos dizer isso a eles, então dividimos um pedaço de pão.

Mari nos levou ao banheiro e cuspiu, mas eu apenas observei. Não sou tão doente assim.

O não-almoço aconteceu na escola, longe de olhares acusadores. Mas não tínhamos como enganá-los no jantar, que comemos em um misto de alívio e má vontade.

* * *

Estamos caminhando por uma mata fechada. Ainda que na escuridão, conseguimos observar as borboletas coloridas pousando em flores espalhadas por toda parte, e eu me sinto em paz.

Encontramos uma clareira e Mari nos leva para deitar ao sol, o céu azul preenchendo nosso campo de visão.

Até que ouvimos um tronco de árvore caindo.

“Deve ser só um lenhador” — penso, mas ela está com medo, então nos levantamos na direção do som.

E encontramos uma bruxa, horrorosa como nada que já tenhamos visto. Ela se aproxima com um sorriso alucinado e nos corta ao meio com um machado.

Acordei sem saber se aquilo se tratara de um pesadelo ou de um sonho.

* * *

“Então você quer se separar de mim?” — gritou Mari, levantando-nos da cadeira onde eu escrevia. — “Quer me matar com uma porra de machado, é isso?”

“Claro que não!”

“Eu sei que você sempre quis se livrar da gente. Eu te amo, eu sempre te amei e você sempre me odiou!”

“Não é verdade! Eu te amo... Mas também te odeio, às vezes.”

“Então você admite!” — eu sabia que ela estava chorando, ainda que não conseguisse ver-lhe o rosto, e um soluço gritante subiu à garganta como prova.

“Mari, me desculpa!”

“Não! Eu vou te dar o que você quer.”

E correu em direção à cozinha, tão rápido que eu não fui capaz de impedir.

“O que você *tá* fazendo?!” — perguntei, horrorizada.

Ela abriu uma das gavetas, retirando a maior faca que conseguiu encontrar.

“Não! Mari, não!”

O descer do corte na pele foi a maior dor que senti na vida, e berrei como um animal no abate enquanto o sangue escorria pelo meu corpo.

O desespero da minha mãe interrompeu-me:

“MARISTELLA, O QUE VOCÊ FEZ?!”

“Eu a bruxa cortei da floresta Stella cortou porque a gente ela me odeia no meio!” — gritei, soltando a faca e encarando, aterrorizada, a orelha caída no chão.

* * *

Observando meu recém-pintado autorretrato eu constato o que já sabia — há algo de errado comigo.

No começo, foi difícil tomar os remédios, porque eu achei que estivesse matando Mari. Agora consegui entender.

Esquizofrenia significa *mente dividida*, mas essa doença não tem nenhuma relação com o transtorno de múltiplas personalidades. — Eu sou apenas uma adolescente problemática, com o diferencial de ter passado os últimos meses convivendo com delírios e alucinações.

Tenho comido mais. Sim, algumas vezes ainda aperto a barriga e penso “monstro”, mas a frequência tem diminuído, e parei definitivamente de cuspir.

Apesar de saber que há algo de errado comigo, agora percebo que quase todo mundo se sente dessa forma. E pode parecer horrível, mas não é tanto — só às vezes.

Ainda bem que eu faço terapia.

A cadela do mar

*Noite em quando, muitas vezes
Quando o mundo esquece as preces
Ela surge pela praia...
E os homens brotam como vermes
Na ânsia de conquistá-la*

*Ao sal do mar e à noite escura
Irrrompe a lenda, quando quer
Caem na areia as redes de pesca
E ergue-se o corpo de mulher...*

*As mulheres, de suas casas,
Dizem não caiam nas lábias
Dessa tal puta do mar
É o demônio a lhes tentar*

*Mas os homens são pagãos.
Ela é deusa e é perfeita
Para aliviar a sina ingrata
Dos pecadores cristãos*

*E a noite toda reunidos
Morrem todas as querelas
Tem cadela para todos
(Pois a chamam de cadela)
Mas é mulher até o osso
E não há mulher mais bela!*

Já era noite quando Ló deixou sua pequena casa, manto na cabeça e lamparina na mão, cuidando para não acordar a avó adormecida. Queria descobrir quem era a tal cadela do mar, puta, mulher, o que quer fosse ela. Por que era tão bela? E por que, se tão bela, deitava-se com pecadores sujos? Por que não honrava a virgindade? Pois é certo que Ló honrava a sua, e jamais alguém poderia mal interpretar essa aventura — desejava apenas explorar um mundo escuro que lhe era sempre negado quando o Sol caía.

Mas talvez fosse só um poeta fazendo o que os poetas fazem — um poema sujo, sobre uma parte suja da vida, assumidamente fantasiado e mentiroso. Ao menos era o que dizia vovó, ou diria, se soubesse articular as palavras como se estivesse escrevendo. Sabemos que a sua neta não lhe deu ouvidos — se tivesse, não haveria história para contar. Mas eu sou meio poeta, de forma que peço que não me levem tão ao pé da letra: não nego que fantasiemos, mas vovó enganou-se a respeito das mentiras, pois a essência do que contamos é sempre verdadeira.

E era com a essência desses pensamentos perdidos que Ló seguia pela mata fechada, não sem temer as vultosas sombras mal-iluminadas pela Lua cheia... E a cada passo uma nova tentação de voltar para o lar seguro e seco onde a avó repousava, enquanto uma força natural a levava no caminho do mar.

A aproximação fez-se então inevitável à medida que ouvia os gritos e gemidos dos homens e a brisa batia impiedosa, afastando-lhe o manto vermelho do rosto. Ló sentiu os dentes baterem de frio ou medo, e soube que o certo a fazer era desistir, mas ainda não tinha visto a mulher-cadela, de forma que seus pés seguiram caminhando como os de um sonâmbulo num pesadelo...

E seus olhos obrigaram-na a ver esta cena pavorosa: homens nus tocavam os próprios pênis eretos, urrando como animais, embora não tivessem nenhuma mulher por companhia. Do contrário, peixes moribundos debatiam-se ao receber os fluidos masculinos, poluindo o ar de cheiro vomitante — a maré, guiada pela Lua, quebrava em fúria sobre o areal, como uma deusa pagã condenando a violação de seu templo.

Foi o suficiente para que começasse a correr, não sem antes soltar um infeliz grito partido das entranhas. Escutaram-lhe os pescadores, passando a persegui-la pela mata fechada.

Desespero. Puro e simples desespero, intraduzível para a língua das palavras racionais. Ló apenas sentiu, sem pensamentos que a acompanhassem, um dos homens desdentados arrancar-lhe o vestido, não antes de tê-la carregado para a beira do mar.

E sentiu então o seu sangue quente derramando-se sobre ela, à medida que uma enorme fera lhe rasgava o pescoço repulsivo. Os outros gritaram e correram, mas Ló observou enquanto cada um deles era devorado impiedosamente.

Apenas o tremor rompia a paralisia em que se encontrava o corpo da menina quando a fera aproximou-se de si. Seus olhos eram grandes, selvagens e belos como nada mais no mundo, e a sua língua limpou o sangue que lhe manchava a pele.

“É uma loba” — constatou, por fim, enquanto a criatura desaparecia mar adentro.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2023.
